

## SIGNWRITING: PRÁTICAS DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS

Murilo Sbrissia Pitarch Forcadell<sup>1</sup>Antonio Carlos Frasson<sup>2</sup>Elizete Pinto Cruz Sbrissia Pitarch Forcadell<sup>3</sup>

Resumo: A motivação para que esta pesquisa fosse realizada surgiu da necessidade de possibilitar a profissionais de Libras, formação básica para compreensão de um sistema de escrita para a Língua Brasileira de Sinais, denominado sistema SignWriting. Através do aporte referencial teórico baseado em vários pesquisadores dessa temática e somado a uma metodologia de ensino orientada pelas práticas de ensino e aprendizagem da escrita de sinais, foi elaborado um material básico intitulado de "SIGNWRITING: Práticas de Aprendizagem da Escrita da Língua de Sinais". A língua de sinais é a língua natural dos surdos, sendo utilizada oficialmente como forma de expressão e comunicação pela comunidade surda desde 2002, quando teve sua aprovação na Lei Federal 10.436/02. Porém, diante da impossibilidade de escrever essa língua que é visuo-gestual através de um alfabeto oral como o da Língua Portuguesa, surgiu a necessidade de contribuir para a educação dos surdos, trazendo-lhes a possibilidade de grafar a sinalização da língua de sinais. Espera-se que essa pesquisa possa servir de contribuição aos profissionais de Libras no conhecimento e na popularização dessa escrita, a fim de que reforce os conhecimentos linguísticos dos surdos possibilitando a eles construir sua própria escrita, utilizando

<sup>1</sup> Murilo SbrissiaPitarchForcadell. Graduado em Letras/Libras, Teologia e em Tecnologia em Logística. Especialista em Educação Bilingue para Surdos. Mestre em Ensino de Ciência e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Ponta Grossa. Professor de Língua Brasileira de Sinais na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Paranavai. Email: cjc2604@hotmail.com

<sup>2</sup> Antônio Carlos Frasson. Graduado em Educação Física. Especialista em Ensino de Educação Física 1º Grau. Mestrado em Educação. Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Professor Adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Ponta Grossa. Está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia (PPGECT) no Câmpus Ponta Grossa. É líder do grupo de pesquisa Educação Inclusiva: contextos de formação e práticas pedagógicas para o Ensino de Ciência e Tecnologia. Avaliador institucional e de cursos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. Email: acfrasson@utfpr.edu.br

<sup>3</sup> Elizete Pinto Cruz SbrissiaPitarchForcadell. Graduada em Letras/Libras e Pedagogia. Especialista em Educação Especial Área da Surdez – Libras e Psicopedagogia Institucional e Clínica. Mestranda em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Paranavai. Professora de Língua Brasileira de Sinais na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Paranavai. Tradutora/Intérprete de Libras no Instituto Federal do Paraná, campus Paranavai. Email: elizete.cruz@ifpr.edu.br

para isso, o sistema SignWriting.

Palavras-chave: Língua de Sinais. Sistema SignWriting. Formação Profissional.

**Abstract:** The motivation for this research was carried out came from the need to enable the libras's professionals, basic training for understanding of a writing system for the brazilian sign language, called system signwriting. Through the theoretical intake based on a number of researchers in this theme and added to an education guided by practical teaching methodology and learning of writing signals, it was designed a basic material titled "signwriting: learning practices writing sign language". Sign language is the natural language of the deaf, being officially used as a form of expression and communication for the deaf community since 2002, when it had its approval by the federal law 10.436 / 02. However, in front of the impossibility of writing this language which is visual-gestural through an oral alphabet as the portuguese, the need to contribute to the education of the deaf, bringing them the opportunity to spell the signs of sign language. It is expected that this research can serve as a contribution to libras professionals in knowledge and popularization of this writing, in order to strengthen the language skills of deaf enabling them to build their own writing, using for that, the signwriting system.

**Keywords:** Sign Language. SignWriting System. Professional Qualification.

## INTRODUÇÃO

Mais do que a utilização da língua de sinais, os surdos precisam de ambientes educacionais estimuladores, que desafiem o pensamento, explorem suas capacidades em todos os sentidos. Esta máxima encontra respaldo na Declaração Universal dos Direitos do Homem que determina que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Ao interpretar esta máxima pode-se entender que os surdos têm direito aos espaços educativos nos quais se estabelecem e que possam assimilar conhecimentos de acordo com a sua capacidade ou potencialidade.

Felizmente a visão em relação ao surdo vem se modificando.

Hoje, visualiza-se o sujeito surdo como um indivíduo com potencialidades, com direito à aquisição e desenvolvimento da língua de sinais como primeira língua, apto a desenvolver estruturas e funções cognitivas visuais, potencial para criar uma escrita adequada à sua própria língua. Essa escrita, aliada ao processo de ampliação de conhecimento de mundo por parte desses sujeitos aprendentes, é capaz de produzir ganhos cognitivos significativos, uma vez que é adequada à escrita de uma língua visual/espacial como é a Libras.

Para se aproximar deste universo vivenciado pelo surdo, tem que se refletir se os procedimentos didáticos pedagógicos adotados pela maioria das escolas inclusivas atendem as necessidades inerentes dos surdos, em relação ao ensino de uma escrita de sinais.

Ao participar do Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia, vinculado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Ensino de Ciência e Tecnologia da UTFPR - Campus Ponta Grossa que traz como objetivo "A inclusão de alunos com necessidades especiais, no processo educativo regular, dentro de processos de escolarização de pessoas com deficiência intelectual, física, auditiva e visual [...]". surgiu-nos a oportunidade de oferecer à comunidade surda (alunos e profissionais que atuam neste segmento) estímulos adequados para o desenvolvimento de seu potencial cognitivo, socioafetivo, linguístico e político-cultural.

O suporte estrutural para a realização deste estudo e, conseqüentemente, a elaboração do Caderno de Aprendizagem da Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting para a formação dos profissionais de Libras que sustente, fundamente e sirva de orientação à aplicabilidade prática do sistema SignWriting, foi realizado nos anos de 2014 e 2015, na Dissertação de Mestrado intitulada de "A INSERÇÃO DO SISTEMA SIGNWRITING NA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE LIBRAS". O sistema de escrita SignWriting, ora proposto como uma forma de possibilitar uma escrita para a língua de sinais, traz sua essência e todas as possibilidades de registrar a escrita de quaisquer línguas orais.

## O SISTEMA SIGNWRITING

O sistema SignWriting, voltado para a escrita da língua de sinais foi desenvolvido pela coreógrafa norte-americana Valerie

Sutton em 1974 na Universidade de Copenhague/Dinamarca. A base deste sistema de escrita traz impresso em sua origem os movimentos coreógrafos desenvolvidos por Sutton denominado de DanceWriting, o qual gerou interesse dos pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa, que buscavam encontrar uma forma de escrever graficamente os sinais.

Então, à luz desses movimentos surgiu o primeiro contato com a escrita das línguas de sinais. A forma de escrever SignWriting, mostrou-se uma opção para os surdos e sem escrever qualquer língua de sinais do mundo visto que não havia a necessidade de escrever primeiro a língua falada do país para depois transcrevê-la para a escrita de sinais, esta ação acontecia de forma simultânea.

Nesta perspectiva de globalização da escrita de sinais, Stumpf (2008, p. 30), enfatiza que

Conforme as publicações do DAC o sistema pode representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. O SignWriting pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia. Para escrever em SignWriting é preciso saber uma língua de sinais.

Ao pautar-se na fala de Stumpf pode-se afirmar que o sistema SignWriting pode ser considerado como um importante suporte na educação dos surdos e no seu desenvolvimento cognitivo, face à proximidade existente entre a sinalização dos surdos e os símbolos gráficos dessa sinalização.

Apesar do sistema SignWriting ser considerado uma ferramenta adequada para a representação escrita de ideias pensadas em sinais, Silva (2008, p.23) adverte que a escrita dos sinais é conhecida e usada por poucos integrantes da comunidade surda. Nesse sentido, a pesquisadora afirma:

[...] não se pode esquecer que para uma língua se consolidar é fundamental que existam usuários que compartilhem o mesmo código. Nesse sentido, o SignWriting ainda não se consolidou como a língua escrita da comunidade surda usuária da Libras. É bem verdade que ampliar o número de usuários do SignWriting e consolidar a língua escrita da comunidade surda será, para esse grupo, uma conquista sem precedentes.

Entretanto Capovilla, Sutton, (2001) e Silva, (2008) demonstram que o uso do sistema SignWriting possibilita ao surdo usuário de Libras fazer uma relação com os sinais que emprega em sua língua de forma rápida, pois os símbolos usados são icônicos

Com senso prático e pautado em um rigor científico, Stumpf (2005, p 44) revela que a escrita de sinais possibilita ao surdo manifestar seus pensamentos, por meio da escrita, com facilidade ao se posicionar

[...] depois que as crianças aprendem os símbolos da escrita da língua de sinais, aparecem muitas ideias e variações na sua escrita, pois cada um está à vontade para expressar seu pensamento, sem a insegurança de tentar encontrar a palavra da língua oral que procura e não encontra e, quando encontra, não sabe bem se era aquela a palavra certa.

A escrita de sinais pautada nos determinantes do sistema SignWriting age como um reflexo da língua sinalizada no papel. Assim, o surdo tem a possibilidade de receber as informações em Libras elaboradas pelo intérprete ou pelo professor de língua de sinais e reproduzir essas informações na escrita do que visualizou. O conteúdo dessa forma 'sinalizada' é registrado no papel e o que está escrito é decodificado e expresso pelas mãos e pelo corpo, como um processo de leitura.

Nesse caso específico, as dificuldades da pessoa usuária da língua de sinais se evidenciam no momento que ela recebe informações em Libras, como é o caso aqui no Brasil, e tem que transcrever para a língua portuguesa. Educadores bilíngues defendem que os surdos devem ter acesso aos conteúdos escolares em língua de sinais. Além disso, afirmam que o sucesso escolar dessa minoria linguística depende da aquisição da língua de sinais como primeira língua. Nesse sentido, Silva (2008, p.6) adverte que "[...] aprender conteúdos via língua oral é para o surdo como seria para o ouvinte aprender conceitos complexos por meio de explicações dadas em uma língua estrangeira da qual ele tivesse conhecimento apenas superficial". Em outras palavras, os surdos, quando expostos à Língua de Sinais a adquirem e aprendem a lidar com ela como qualquer usuário de língua natural, utilizando de elementos que são próprios para significá-la, fazendo referências a objetos ou entidades de domínio sem que isto demande grandes esforços mentais. Assim, uma proposta de educação bilíngue para surdos pressupõe que o bilinguismo não seja visto

como um problema a ser erradicado, mas como “uma condição humana comum”.

Diante desses pressupostos Maher (2005, p.11) esclarece que:

[...] o que importa frisar é que existem vários tipos de sujeitos bilíngues no mundo, porque o bilinguismo é um fenômeno multidimensional. Somente uma definição suficientemente ampla poderá abarcar todos os tipos existentes. E, talvez, esta fosse suficiente: o bilinguismo, uma condição humana muito comum, refere-se à capacidade de fazer uso de mais de uma língua.

Em suma, no bojo da fala da autora entende-se que o aluno surdo, para compreender os mecanismos que envolvem o uso da língua portuguesa escrita como L2 e a construção do conhecimento depende principalmente da mediação do professor que, para isto, deve ter uma formação adequada para atuar na educação bilíngue de surdos.

Outra questão que se deve levar em consideração neste processo é que muito se fala da experiência visual dos surdos, mas talvez pouco se valorize esta percepção, sobretudo quando se trata de falar dele como leitor e escritor de uma língua que tem base oral.

Smith (1999) discorre que, muitas vezes, o que transforma um leitor em pouco competente, não são aquelas habilidades ao alcance dos olhos, tais como conhecer as letras, relacionar a palavra ao objeto, entender a estrutura do texto no papel, mas sim aquelas habilidades que não estão ao alcance do nosso campo de visão. Com base nisso, afirma:

Há outros tipos de informação que também são necessárias, incluindo uma compreensão da linguagem relevante, conhecimento do assunto e certa habilidade geral em relação à leitura. Todos esses outros tipos de informação podem ser agrupados e chamados de informação não visual. É fácil distinguir a informação visual da informação não visual. A informação visual desaparece quando as luzes se apagam; a informação não visual já está na sua mente, atrás dos olhos. (SMITH, 1999, p.20)

Entende-se assim que a grande preocupação e desafio dos professores de surdos é exatamente construir informações sólidas de modo que “as luzes não se apaguem”, que os surdos consigam fixar conhecimentos que veiculam na escola e na sociedade, compreendendo o mundo do conhecimento e do texto

escrito por eles mesmos.

Vygotsky (1991, p.208) afirma que “para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras – temos de compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente – temos que compreender a sua motivação”. O professor de alunos surdos enfrenta constantemente esse desafio do conhecimento que está além das palavras.

Ao dar aulas para crianças surdas, Stumpf (2005) observou que muitos alunos pensavam que a forma escrita do português fosse a escrita da língua de sinais usada por eles. Segundo a autora, esta situação proporcionava certa confusão no processo de construção do conhecimento entre as duas línguas, limitando os resultados da aprendizagem de leitura e escrita em português.

Um fato frequentemente apontado por surdos, em trabalhos que tratam da leitura, é a dificuldade que encontram em lidar com aspectos relacionados à estrutura e ao funcionamento da língua portuguesa, conseqüentemente a leitura, a análise e a produção textual se apresentam como tarefas árduas ao surdo em sua vida acadêmica e profissional. Por outro lado, estudantes surdos relatam que essas atividades não se estabelecem como uma prática cotidiana no contexto escolar e que a língua de sinais nem sempre é aceita ou considerada pelo interlocutor no processo de leitura, de tradução, de construção de sentidos dos textos. Na escola predomina o enfoque na leitura e escrita do texto em língua portuguesa, tendo a língua de sinais como um mero suporte, uma ferramenta a serviço da língua majoritária. Dessa forma, são silenciadas as produções textuais, as narrativas, as releituras e as traduções dos significados construídos em sinais.

A língua portuguesa e a língua de sinais são totalmente diferentes entre si, pois uma palavra em português pode ser muito diferente da dos sinais. Pode existir apenas uma palavra para vários sinais, dependendo do contexto da situação, como classificadores que o português não tem, porém a Libras possui. O alfabeto manual, por exemplo, é um empréstimo da língua portuguesa, mas não é sempre a sinalização de Libras. Vê-se que as duas escritas, possuem também diferenças na prosódia, pois a escrita de sinais pode ter prosódia que ocorre na iconicidade, já o português não tem essa possibilidade e, assim, fica na ambigüidade. Mas aprendendo as duas línguas, torna-se importante ter base na primeira língua, que é mais aceitável para depois adquirir mais potencial em conhecer e se desenvolver mais rápido na

segunda língua.

Assim, pode-se observar a importância que a língua de sinais tem, mas se percebe muitos limites na sua escrita, que é fragmentada, sendo que a abstração está na primeira língua e o registro é feito na segunda língua. Tudo isso limita este registro, que não ocorre da L1 para a L1, mas L1 para a L2.

É importante fundamentar e representar a escrita própria da primeira língua, ou seja, a escrita de sinais, de acordo com isso, Loureiro (2004) cita,

[...] a escrita dos sinais traz, além de benefícios de aumento do vocabulário, conceitualizações, decodificações, favorece a construção textual coerente e ainda estimula a busca de novos conhecimentos via ambientes digitais para leitura e posterior campo de registros utilizando a escrita dos sinais, própria dos Surdos (LOUREIRO, 2004, p. 138).

A autora afirma ainda que

A escrita preenche funções específicas [...]. Descobrir essas funções pressupõe usar uma escrita com significado. A escrita exige um trabalho consciente e consiste numa tradução a partir da fala interior. A fala interior é uma fala condensada e abreviada. A escrita é detalhada e exige uma ação analítica deliberada capaz de construir uma estruturação intencional da teia do significado. [...] Quando nos comunicamos passamos não apenas uma mensagem, mas a nossa maneira de ver, sentir e ler o mundo.

Para ela, devemos transpor para os Surdos, a troca de representações sonoras por visuais. Enfrentamos um problema, “a escrita alfabética da língua portuguesa no Brasil não serve para representar significação com conceitos elaborados a LIBRAS, uma língua visual espacial. Um grafema, uma sílaba, uma palavra escrita no português não representa nenhuma analogia com um fonema, uma sílaba e uma palavra na LIBRAS, mas sim com o português falado”. (QUADROS, 1997, p. 5)

Nas atividades escolares a leitura e a escrita de Língua de Sinais permitirão segundo Stumpf (2005, p.45) “um trabalho muito mais consistente com a língua de sinais que precisa ser completa e bem construída, para possibilitar ao surdo o acesso a todo conhecimento, [...] o que pode levar ao bilinguismo pleno”.

Neste sentido, Stumpf (2005, p.106) pautando nos ensinamentos de Quadros (2003), afirma que:

A escrita da língua de sinais capta as relações que a criança estabelece com a língua de sinais. Se as crianças (surdas) tivessem acesso a essa forma de escrita para construir suas hipóteses a respeito da escrita, a alfabetização seria uma consequência do processo. A partir disso, poder-se-ia garantir o letramento do aluno ao longo do processo educacional.

Quando há a relação entre a linguagem-pensamento como a expressão de novas palavras, de novos termos e a competência linguística através da experiência e dos contextos em que esta pessoa está inserida é através desta interação que isto ocorre. Os surdos também se desenvolvem a partir dessa experiência com a língua materna. Todas as novas experiências, todas as novidades, todas as vivências que ele vai tendo, tudo isso vai complementando e desenvolvendo a linguagem para que esteja associado à escrita.

A escrita é um código de comunicação secundário em relação à linguagem articulada oralmente ou sinalizada. Dizemos que ela é um sistema de representação gráfica, porque os signos gráficos servem para anotar uma mensagem oral ou sinalizada, a fim de poder conservá-la ou transmiti-la. Os signos representam graficamente a mensagem.

No Brasil, um dos sistemas de notação gráfica para a escrita dos sinais que os surdos utilizam é denominado de Sistema SignWriting que teve suas pesquisas iniciadas em 1998, por intermédio do Professor Doutor Antonio Carlos da Rocha Costa, então, vinculado à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

Sintonizado com os avanços científicos e tecnológicos que se faziam presente na época, o referido pesquisador aventou a possibilidade de que este sistema pudesse vir a ser contextualizado de forma computacional. Para tanto, compôs um grupo de estudo formado pelas pesquisadoras Márcia Borba e Marianne Stumpf<sup>4</sup> para então incrementarem este processo.

Faça à recentabilidade, no Brasil, há poucas pesquisas sobre o ensino da escrita de sinais. A maioria dos trabalhos científicos pesquisados como base para a elaboração dessa pesquisa aponta para os estudos de Stumpf(2005), autora de destaque nessa área, que trata da alfabetização das crianças surdas pelo método de escrita de sinais.

É importante mencionar que a pesquisa compreende parte

das investigações entre diversas pesquisas atuais que surgiram para avaliar o processo de ensino dessa escrita da língua de sinais, já que ela foi criada recentemente. Acredita-se que mais pesquisas, novas propostas metodológicas para o ensino dessa escrita irão surgir como os estudos de Madson e Raquel Barreto que, desde sua primeira publicação “Escrita de Sinais sem mistério” (2012), vem desenvolvendo estratégias didáticas para o ensino de escrita de sinais a surdos e ouvintes. Essas pesquisas poderão contribuir não só para o ensino de escrita de sinais, mas para o processo de letramento dos surdos.

O sistema de comunicação escrita, como SignWriting, é mais desenvolvido em alguns países que aceitaram essa proposta por ser avançado que outros sistemas, começando assim o aumento de pesquisas em outros países, como acontece aqui no Brasil que já inseriu como disciplina curricular em algumas escolas de surdos, de vários estados. Em 1995, no Rio Grande do Sul, 2006 em Santa Catarina, 2009 no Ceará. E, em outros estados, tais como Amazonas, Rondônia, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná o SignWriting já está em processo de inserção como disciplina ou em experiência de aprendizagem da escrita de língua de sinais desde o ano de 2005.

---

<sup>4</sup>A pesquisadora em SignWriting, Marianne Stumpf, por ocasião do convite para integrar o grupo de estudo, coordenado pelo Dr. Antonio Carlos da Rocha Costa era doutoranda em Informática na Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGIE). Em sua caminhada acadêmica, a referida pesquisadora foi precursora no Brasil da pesquisa sobre a Língua de Sinais Escrita. Em sua tese (2005), ela indica que a escrita de língua de sinais, se incorporada à educação das crianças surdas, pode significar um avanço legítimo na consolidação de uma educação bilíngue, bem como na evolução das línguas de sinais. A autora considera que também existe a possibilidade de novas abordagens no ensino da língua oral como segunda língua, através do uso da Escrita SignWriting (STUMPF, 2005, p. 14).

A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS SINAIS



CONFIGURAÇÃO DA MÃO

Na Configuração	Visografema	Escrita SW
O punho é fechado com a palmavirada de frente para o seu campo de visão	□	☞ Saudade
O punho é fechado com o indicador estendido e a palmavirada de frente para o seu campo de visão	└┘	☞ Vermelho
O punho é aberto e colocado de perfil	○	☞ Porto Alegre
O punho é aberto com o indicador estendido e de perfil	└┘	☞ Domingo
A palma da mão é plana e virada de frente para o seu campo de visão	┆	☞ Espelho
A palma da mão é plana, aberta e virada de frente para o seu campo de visão	┆	☞ Cor
O punho é fechado, com os dedos estendidos e o dorso virado para o seu campo de visão	┆	☞ Nome
A mão é curvada de perfil	┆	☞ Quente



ORIENTAÇÃO DA MÃO - PONTO DE VISÃO: PLANO PAREDE E PLANO CHÃO

Os pontos de visão na escrita em *SignWriting* apresentam a grafia dos símbolos a partir da perspectiva de quem está sinalizando o sinal em língua de sinais – Libras. Essa perspectiva pode ser visualizada de dois planos: 1) na vertical (plano parede) e 2) na horizontal (plano chão).

ORIENTAÇÃO DA MÃO			
┆	Quando você visualiza a palma da sua mão, a escrita do símbolo será branco.	┆	Ao virar a mão ficando com dorso no campo de sua visão, a escrita do símbolo será totalmente preto.
┆	Quando a mão está de lado, seja para a esquerda ou para a direita, na vertical, o símbolo será escrito com uma parte branca e outra parte preto.	┆	Se a mão ainda estiver de lado, mas na horizontal, tem-se separação nas articulações dos dedos e escrito com uma parte branca e outra preto.
┆	Se a mão estiver na horizontal com a palma para cima, o símbolo terá separação nas articulações dos dedos e escrito em branco.	┆	Quando o símbolo tiver separação nas articulações dos dedos e for escrito em preto é porque a mão está na horizontal e com o dorso virado para cima.

## SIGNWRITING: PRÁTICAS DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS

PONTO DE VISÃO					
PLANO PAREDE			PLANO CHÃO		
Palma vertical	Dorso vertical		Palma horizontal	Dorso horizontal	
 (mão de apoio para realizar o sinal)	 (mão dominante para realizar o sinal)		<b>Sinal: MOSTRAR</b>	 (nestecas a palma da mão e está virado no campo de visão de quem está utilizando)	
Quando a mão fica paralela à parede e é vista de frente e <u>não</u> tem separação nas articulações dos dedos				Quando a mão fica paralela ao chão e é vista de cima e <u>tem</u> separação nas articulações dos dedos	



## ALFABETO EM SIGNWRITING

A	B	C	D	E	F
					
G	H	I	J	K	L
					
M	N	O	P	Q	R
					
S	T	U	V	W	X
					
Y	Z				
					



## SÍMBOLOS DE CONTATO

<b>Símbolo de Tocar</b>	Esse tipo de contato na escrita de sinais é realizado com um toque suave em alguma parte do corpo. Quando há mais que um asterisco, significa que há mais de um toque ou é realizado em outras partes do corpo para realizar determinado sinal.				
*					
	SURDO	DESCULPAR	ESTUDAR	FAZER	CASA

<b>Símbolo de Escovar</b>	Neste símbolo de contato a mão ou os dedos encostam em uma parte do corpo como se estivesse realmente escovado a superfície, por isso a mão ou os dedos passam e logo saem do contato com a parte do corpo onde foi realizado o sinal.				
⊙					
	CAPOVILLA	ESTRATÉGIA	ENTRAR	DIFÍCIL	HOMEM

<b>Símbolo de Esfregar</b>	Ao contrário do símbolo (escovar) nesse tipo de contato também a mão ou os dedos encontram em uma parte do corpo como se estivesse esfregando-o, mas, a mão ou os dedos continuam esfregando sem sair da superfície onde está sendo realizado o sinal. Esse contato tem o formato de espiral mas, em alguns sinais como os sinais: BRANCO, PESSOA e BRAVO a seta indicará que o contato deverá ser realizado em linha reta.				
@					
	GOSTAR	BRAVO	DISCRIMINAÇÃO	BRANCO	PESSOA

<b>Símbolo de Bater</b>	O símbolo de Bater refere-se ao contato entre as partes do corpo, mas esse contato ao contrário do símbolo (tocar) deverá ser realizado com força.				
#					
	ASSUSTAR	PAGAR	CARRO BATER	POBRE	ENCONTRAR

<b>Símbolo de Entre</b>	Aqui nesse símbolo de contato as partes do corpo irão se tocar, mas esse será um movimento entrelaçado, onde mão e dedos passam um sobre o outro.				
*					
	BRIGAR	DOENTE	VOLTAR	CAVALGAR	DENTRO

<b>Símbolo de Pegar</b>	Por fim, esse símbolo de contato permite que a mão ou os dedos peguem em determinada parte do corpo ou em uma peça de roupa em que o sinalizador necessite mostrar para se referir a determinado sinal, como é o exemplo dos sinais: VOLUNTÁRIO e ROUPA.				
+					
	UNIÃO	CASAR	CABELO	PRESENCIAL	BRINCO



### SÍMBOLOS DE MOVIMENTOS DOS DEDOS

SÍMBOLO	TIPO DE MOVIMENTO	COMO FUNCIONA	EXEMPLO NO SINAL
•	Movimento flexão	A articulação dos dedos flexiona fazendo o movimento do sinal. Quando o símbolo for representado por dois pontos ao mesmo tempo, significa que o movimento do dedo terá dois ou mais movimentos de flexão.	 MACACO
o	Movimento extensão	A articulação do dedo se abre a medida que o sinal é realizado, os dois pontos de extensão no mesmo símbolo também representam a quantidade de vezes que o sinal terá o mesmo movimento.	 PRONTO
∨	Movimento proximal flexionado	As articulações dos dedos vão se fechando a medida em que o sinal é realizado, nesse movimento os dedos seguem a posição da seta para baixo que acompanha o símbolo. Da mesma forma a quantidade de setas também indicará a quantidade de vezes que o sinal terá o mesmo movimento.	 LATIR

	Movimento proximal estendido	A articulação dos dedos vão se abrindo a medida em que o sinal é realizado, nesse movimento os dedos seguem a posição da seta para cima que acompanha o símbolo. Da mesma forma a quantidade de setas também indicará a quantidade de vezes que o sinal terá o mesmo movimento.		NINGUÉM
	Movimento proximal conjuntamente	A articulação dos dedos são movimentos juntos para cima e para baixo ordenadamente estendendo e flexionando ao mesmo tempo para realizar determinado sinal. As setas ajudarão a entender se o movimento indicará para cima ou para baixo.		VEM
	Movimento proximal separadamente	A articulação dos dedos não se movem juntos os movimentos são alternado sem posições contrárias para realizar determinado sinal.		BARATA

SETAS BÁSICAS DE MOVIMENTO

↑ Para cima ↓ Para baixo	↖ Diagonal para cima ↘ Diagonal para baixo	⇒ Esquerda ⇐ Direita
Quando o movimento para cima ou para baixo for paralelo à parede as setas serão duplas.		

↑ Para cima ↓ Para baixo	↖ Diagonal para cima ↘ Diagonal para baixo	→ Esquerda ← Direita
Quando o movimento para frente ou para trás for paralelo ao chão as setas serão simples.		

Na estruturação do sistema *SignWriting* você vai perceber que outros tipos de setas compõem a escrita do movimento dos sinais. No quadro a seguir podemos observar a sua forma e o seu funcionamento na escrita de um sinal.

 Seta para o lado e para frente	 Seta para o lado, para frente e para o lado
 seta para o lado, para a diagonal e para o lado	 seta para a diagonal, para frente e para trás
 seta com movimento circular	 seta para cima com giro do braço
 seta para frente com giro para direita	 seta com movimento curvo
 seta com movimento lento	 seta com movimento rápido
 seta com movimento tenso	 seta com movimento relaxado



SÍMBOLOS DE EXPRESSÕES

**SOBRANCELHAS**

EXPRESSÃO FACIAL	EXPRESSÃO FACIAL NA ESCRITA DO SINAL
 Sobrancelhas para cima	 DELÍCIA
 Sobrancelhas para baixo	 FRIO
 Sobrancelhas para cima, lado de dentro	 TRISTE
 Sobrancelhas para cima, lado de fora	 FELIZ
 Sobrancelhas para baixo, lado de dentro	 COCO
 Sobrancelhas para baixo, lado de dentro	 HORRÍVEL

**OLHOS**

EXPRESSÃO FACIAL	EXPRESSÃO FACIAL NA ESCRITA DO SINAL
 Olhos bem abertos	 VER
 Olhos meio fechados	 CHORAR
 Olhos fechados	 CEGO
 Olhos abertos	 LEMBRAR
 Olhos espremidos	 DORMIR
 Cílios	 APAIXONADO

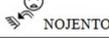
**NARIZ**

EXPRESSÃO FACIAL	EXPRESSÃO FACIAL NA ESCRITA DO SINAL
	 CHEIRAR
	 ESTÚPIDO

**DENTES**

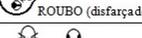
EXPRESSÃO FACIAL	EXPRESSÃO FACIAL NA ESCRITA DO SINAL
 Dentes	 NERVOSO
 Dentes superior estocando a língua	 DENTE

**BOCA**

EXPRESSÃO FACIAL	EXPRESSÃO FACIAL NA ESCRITA DO SINAL
 Boca reta e fechada	 MENTIRA
 Boca triste e fechada	 TRISTE
 Boca triste e aberta	 NOJENTO
 Boca de beijo	 PASSARINHO
 Boca com lábios sugados	 BOMBA
 Boca com sorriso fechado	 BONITO

 Boca meio sorrindo e meio reta	 FELIZ
 Boca aberta	 HORRÍVEL
 Boca tensa	 TROVÃO
 Boca com lábios espremidos	 APAGAR VELA

**BOCHECHA**

EXPRESSÃO FACIAL	EXPRESSÃO FACIAL NA ESCRITA DO SINAL
 Bochechas estufadas	 CHEIO
 Bochechas sugadas	 MAGRO
 Bochecha inflada de um lado	 ROUBO (disfarçado)
 Bochecha soprando o ar	 BEXIGA

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dialogamos um pouco sobre as práticas de aprendizagem da escrita da língua de sinais pelo sistema SignWriting. A partir disso, procurou-se explicar de forma sucinta o surgimento da escrita de sinais SignWriting e apresentar o passo a passo em nível básico do funcionamento desse sistema, considerando a importância em abordar um sistema de escrita na formação dos profissionais de Libras que dê conta de abarcar o rico universo da grafia de uma língua que é visual.

O SignWriting é sim uma escrita que traz uma forma de comunicação por símbolos que são usados para registrar visualmente a língua de sinais. No caso da Libras, essa é uma língua visual. Assim, podemos dizer, que a escrita da Libras usa símbolos visuais e gráficos (grafemas, caracteres). Para compreendermos com sucesso o texto escrito em SignWrit-

ing, precisaremos entender a língua que será representada graficamente.

Em suma, esperamos ter cumprido com o objetivo maior dessa pesquisa, o de possibilitar que surdos, ouvintes e profissionais usuários de Libras aprofundem cada vez mais os conhecimentos da escrita dessa Língua e que reconheçam o importante papel a desempenhar como canal de expressividade, possibilidade de fixação e valorização da sinalização e grafia da Língua Brasileira de Sinais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Madson. Escrita de sinais sem mistérios, Belo Horizonte, 2012.

CAPOVILLA, F. C., & Sutton, V. (2001). Como ler e escrever sinais da Libras: A escrita visual direta de sinais SignWriting. In F. C. Capovilla, & W. D. Raphael (Eds.), Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira. Volume I: Sinais de A a L (Vol. 1, pp. 55-126). São Paulo, SP: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom.

CAPOVILLA, Fernando C.; et al. A escrita visual direta de sinais Signwriting e seu lugar na educação da criança Surda, 2006. In: CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira. Vol. II: Sinais de M a Z. 3ed. São Paulo: Edusp, 2006, p. 1491-1496.

LOUREIRO, C.B.C.L. Processo de apropriação da escrita da Língua de Sinais e escrita da língua portuguesa: informática na educação de surdos. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MAHER, T. A criança indígena: do falar materno ao falar emprestado. IN: FARIA, A.L.G. e MELLO, S. (orgs). O mundo da escrita no universo da pequena infância. Campinas: Autores Associados, 2005.

QUADROS, R. M. Situando as Diferenças Implicadas na Educação de Surdos. In: Ponto de Vista – vol 1, nº 5, p. 81 – 111, Florianópolis: 2003.

QUADROS, R.M. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SILVA, Tânia dos Santos Alvarez. A aquisição da escrita pela criança surda desde a educação infantil. 227 p. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

SMITH, Frank. Leituras significativa. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda. 1999.

STUMPF, Marianne Rossi. Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelos sistemas signwriting: línguas de sinais no papel e no computador. 2005. 330f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Estudos Interdisciplinares, Curso de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

STUMPF, Marianne Rossi. Escrita de Sinais I. Florianópolis: UFSC, 2008. (Texto base do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância).

VYGOTSKY, L.S. A formação social de mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.